

A Energia na Cidade: A conversão necessária e suficiente

Eduardo de Oliveira Fernandes
Professor Catedrático

Não há cidades sustentáveis. Nelas convergem a generalidade dos recursos que nelas se consomem, ou melhor, se convertem e se degradam. É o caso da água que “entra” ‘ordenada’ sob a forma de ‘água potável’ e que ‘sai’ sob a forma de ‘efluente urbano’ e é o caso da energia que ‘entra’ na cidade sob a forma ‘ordenada’ de combustível ou de electricidade e “sai” desordenada sob a forma de poluição térmica e/ou atmosférica.

O que há, ou deve haver, é cidades solidárias, isto é, que são eficientes no uso dos recursos, ou seja, no caso vertente, usam a energia com eficiência procurando que a energia necessária seja apenas a suficiente. E, assim, reduzem o desperdício.

Esta abordagem, no nosso tempo, já tem muito pouco que ver com o conceito das empresas centralizadas vs consumidores. O problema da energia tende a aparecer descentralizado, próximo do utilizador que não só tem alternativas de oferta energética próximas ou acessíveis ao seu controlo (fotovoltaico, água quente solar, microgeração *at large*) como enfrenta o desafio de gerir a energia racional, inteligente e diligentemente, isto é, de passar consumidor a cidadão.

Uma tal abordagem tem todos os fundamentos, físicos, económicos e ambientais. Não é, porém, compatível com amadorismos e não vinga se não houver política, muita política, por detrás.

E só não haverá política se a cidade for deserta de cidadãos. As tecnologias, essas, abundam.

A energia descentralizada é um indicador do novo paradigma energético-ambiental com soluções de proximidade numa sociedade melhor informada e com maior cultura tecnológica mas, também, com uma mais esclarecida cultura ambiental.

